

Contra a história historicista: a combatividade discursiva de Lucien Febvre contra Victor Langlois e Charles Seignobos

*Historicist history: the discursive combativeness of Lucien Febvre against Victor
Langlois and Charles Seignobos*

Wigeslei Rosa de Oliveira¹

Resumo: O presente artigo objetiva delinear os meandros do discurso de combate epistemológico que Lucien Febvre (e também Marc Bloch, porém, em menor escala) empreendeu, no início da década de 1920, contra a historiografia da Escola Metódica Francesa, em especial os arcabouços teóricos e metodológicos de seus principais representantes: Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos. A combatividade discursiva de Febvre traduz o anseio da corrente historiográfica dos *Annales* de renovação dos estudos históricos, com forte apelo à interdisciplinaridade e a problematização. A acidez do discurso do historiador francês contra os historiadores metódicos também representava a disputa por território dentro das academias francesas, como também a crítica do annalista a corrente metódica, que tornou-se forte propagadora dos ideais políticos da Terceira República Francesa. Por fim, analisaremos, sem nos aprofundarmos, o processo de reabilitação da historiografia historicista, apontando as contribuições desta corrente ao pensamento histórico. Sob esses aspectos apontados, nortearmos nossa problematização temática.

Palavras-chave: História Tradicional. História Historizante. Combates.

Abstract: This article aims to outline the intricacies of epistemological combat speech that Lucien Febvre (and Marc Bloch, though to a lesser extent) undertook in the early 1920s, against the historiography of the French Methodical School, especially the theoretical frameworks and methodological of its main representatives: Charles-Victor Langlois and Charles Seignobos. The discursive combativeness of Febvre reflects the desire of the current historiography of the *Annales* of renovation of historical studies, with strong appeal to interdisciplinarity and the questioning. The acidity of the French historian speech against the methodical historians also represented the dispute over territory within the French academies, as well as criticism of annalista methodical current, which has strong propagator of the political ideals of the French Third Republic. Finally, we will analyze, without delving, the process of rehabilitation of historicist historiography pointing out the contributions of this current to historical thought. Under these aspects highlighted, nortearmos our thematic questioning.

Keywords: Traditional history. History Historizante. Fighting.

¹ Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: gesllei2010@hotmail.com, Data de submissão 24/03/2015 e aceite em 04/05/2015.

Um modelo historiográfico a ser combatido: historiografia metódica

A produção historiográfica dos historiadores ligados a Escola Metódica Francesa – em especial Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942) – foi demasiadamente influenciada pelos pressupostos² defendidos, no limiar do século XIX, pelo Historicismo, sob os auspícios de Leopold Von Ranke (1795-1886). A corrente histórica alemã³ influenciou significativamente a produção historiográfica francesa na segunda metade do século XIX. O aparato teórico do historicismo norteou o trabalho científico dos historiadores na França por décadas. Os teóricos franceses admiravam profundamente a organização institucional das academias alemãs. (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 75). Um grande número de estudantes franceses – entre eles Charles Seignobos – se dirigia às academias alemãs para desenvolverem seus estudos superiores. Afirmam Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia (2012, p. 74) que

A comparação com a Alemanha torna-se um lugar comum, e a estada nas universidades alemãs, já encorajada por Victor Duruy, uma etapa necessária do currículo dos mais brilhantes estudantes franceses, a começar por Ernest Lavisse, Gabriel Monod, Charles Seignobos ou Camille Jullian, para nos limitarmos apenas aos historiadores. Essa tradição conservar-se-á durante muito tempo, como demonstram os muitos relatórios e livros que se dedicam aos quadros comparativos.

Salienta Guy Bourdé e Hervé Martin (2012, p. 93) que os principais fundamentos da Escola Metódica Francesa são consolidados através do texto de lançamento da *Revista Histórica* (1876) por Gabriel Monod (1844-1912), como também pelo manual *Introdução aos Estudos Históricos*, publicado em 1898 pelos professores da Universidade de Sorbonne Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942). A corrente

² O programa historiográfico do Historicismo valorizava, segundo José D'Assunção Barros, os aspectos concernentes a História Factual, História Narrativa e História Política. (BARROS, 2012, p. 74).

³ A Escola Histórica Alemã torna-se, então, propagadora dos aparatos científicos de análise historiográfica. Segundo a perspectiva desta corrente histórica, “a história, longe de ser concebida como mera cópia do real, é apresentada como uma imitação, à imagem da criação artística”. (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 78). Seu principal expoente fora Leopold Von Ranke. Historiador oficial do governo prussiano. Ranke organizou pragmaticamente os postulados científicos para compreensão histórica (objetivando, vale ressaltar, distanciar as interpretações históricas das especulações filosóficas), as técnicas de trabalho do historiador, fomentando a profissionalização da disciplina. O paradigma rankeano instruiu o historiador a manter certa imparcialidade no processo de interpretação histórica. Defendia Ranke que o historiador não deveria emitir opiniões particulares, mas reproduzir o que, de fato, se passou. (BARROS, 2012, p. 66).

metódica tinha por objetivo legitimar as realidades do conhecimento histórico através de um sólido processo científico, erigido sobre técnicas rigorosas de análise documental e organização do trabalho do historiador. Intentavam também afastar os estudos históricos das perspectivas filosóficas.

Ao criar a *Revista Histórica*, Gabriel Monod buscou formular uma corrente historiográfica que ambicionava reunir as mais variadas investigações referentes à história da Europa, partindo da morte do imperador romano Teodósio – no ano de 395 – até a derrocada do monarca francês Napoleão I em 1815. Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia (2012, p. 82) afirmam que “a principal preocupação que permeia o artigo de Gabriel Monod é permitir compreender e articular as diferentes facetas da produção historiográfica francesa, para definir as perspectivas dela”. A revista alegava para si a herança de uma tradição que remonta o humanismo renascentista (através das reflexões de J. J. Scaliger e Bodin), perpassando a erudição dos teóricos modernos, em especial na figura de D. Mabilon, chegando aos pensadores românticos Thierry, Michelet, entre outros.

Gabriel Monod analisava que a produção historiográfica na França do século XIX estava em seu limiar, construindo paulatinamente suas bases investigativas. Para Gabriel Monod, a História deveria criar profundas raízes no ensino superior francês, proporcionado aos pesquisadores um sentimento de solidariedade científica, que tendia por fim último fortalecer o campo das interpretações históricas, como afirma Guy Bourdê e Hervé Martin citando o manifesto de lançamento da *Revista Histórica* (Manifesto, p. 321 apud BOURDÉ; MARTIN, 2012, p. 95):

E a disciplina deve ser inserida no ensino superior. Todos aqueles que se entregam à investigação científica são solidários uns com os outros; trabalham para a mesma obra, executam partes diversas de um mesmo plano, tendem para o mesmo objetivo. É útil, é indispensável que se sintam unidos todos juntos e que os seus esforços sejam coordenados para serem mais fortes.

Gabriel Monod conceituava o século XIX como o “século da História”, defendendo a centralidade da História entre as ciências. O historiador era, segundo a concepção do historiador francês, como nos mostra Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia (2012, p. 85), o depositário dos aspectos da tradição de determinado povo, e da humanidade em geral. O historiador, no desenrolar de seu ofício, deveria agir com prudência, pautando suas pesquisas nos métodos científicos e, conseqüentemente, fugindo das paixões pessoais. O pesquisador deveria, segundo essa prerrogativa, ambicionar a

publicação dos textos através de uma crítica sistemática das fontes, em um trabalho que exige paciência e minúcia. Gabriel Monod defendia a ideia de que dever-se-ia erigir uma comunidade de historiadores empenhados no progresso da disciplina, através de uma reorganização dos estudos históricos.

A obra *Introdução aos Estudos Históricos*⁴, publicada em 1898 por Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, constituiu-se como manual basilar do modelo historiográfico da corrente metódica durante décadas. Esta obra sintetiza os arcabouços teóricos e metodológicos defendidos pela Escola Metódica Francesa, que dominou a produção historiográfica na França, de 1880 a 1930.

“Introdução aos Estudos Históricos”: um dos pilares teórico-metodológicos da Escola Metódica Francesa

Os aportes teóricos e metodológicos da Escola Metódica Francesa são expressos de forma sistematizada no livro *Introdução aos Estudos Históricos*, publicado em 1898 por Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos. Nele, os autores expõem os processos críticos constituintes da análise documental. No início da obra, Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 6) afirmam seus principais objetivos ao publicá-la:

O que nos propomos é examinar as condições e os processos do conhecimento histórico, bem como indicar-lhe o caráter e os limites. Como podemos chegar a saber, do passado, o que é possível e o que convem saber? Que é um documento? Como tratar um documento em função da obra histórica? Que são fatos históricos? Como grupá-los, para construir a obra histórica?

Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 5) expressam seu desejo de construir uma obra norteada pelos rigores do método científico, renegando os princípios metafísicos da Filosofia da História que, segundo eles, não possuíam boa reputação. Os autores tecem severas críticas aos inúmeros manuais de seu tempo que trabalham a metodologia na pesquisa histórica, afirmando que “são superficiais, insípidos e ilegíveis, quando não ridículos”. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 8). Na concepção destes teóricos, os historiadores devem, com urgência, conhecer os métodos próprios que constituem sua disciplina de trabalho. Essa consciência metodológica permitiria aos

⁴ Lucien Febvre denominava pejorativamente a obra de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos como a “Bíblia do modelo metódico”.

historiadores, na visão de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 10), a concreta “feitura das obras”.

Os historiadores metódicos afirmam que a *Introdução aos Estudos Históricos* (1946) não pretende ser uma obra acabada sobre o método histórico, mas um breviário de orientação aos estudantes de História que, entram na Universidade sem um objetivo definido, sem um conhecimento básico do ofício que escolheram. Atestam Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 12-13):

Já nos havíamos certificados há muito, pela experiência, da urgente necessidade de esclarecimento dessa espécie. A maioria daqueles que ingressam no curso de história, fazem-no sem terem razões definidas para isso, ignorando quase sempre se tem pendores para os trabalhos históricos, cuja natureza não chegam a compreender bem. Em geral, são fúteis as razões que levam os estudantes a procurar o curso de história: fazem-no pelo motivo ingênuo de haverem obtido boas notas em história, no curso secundário, outras, porque sentem pelas coisas do passado essa espécie de atração romântica que, segundo afirmam, decidiu a vocação de Augustin Thierry, outras, ainda, seduzidos pela ilusão de que a história é uma disciplina relativamente fácil.

Num primeiro momento, os autores trabalham o processo de busca dos documentos (denominado *heurística*). Os autores reafirmam o posicionamento da corrente metódica, que concebe os documentos oficiais como fonte basilar para a construção narrativa: “a história se faz com documentos”. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 15). Os documentos são conceituados como os vestígios que os homens deixam no passado (pensamentos e ações). Segundo os autores, determinados acontecimentos históricos não serão conhecidos em decorrência da falta dos documentos, pois “nada supre os documentos: onde não há documentos não há história”. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 15). Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 15-16) ressaltam, entretanto, que antes de iniciar os processos críticos de análise documental, é necessário fazer um levantamento quantitativo das obras, apontando os locais que elas se encontram:

Se pretendo abordar um ponto de história qualquer devo informar-me preliminarmente do lugar ou dos lugares em que se encontram os documentos necessários para tratá-lo, supondo-se que eles existam. Procurar e reunir os documentos é, pois, uma das principais partes do trabalho do historiador [...].

Os documentos, depois de encontrados, deveriam ser inventariados. A organização sistemática dos inventários, salienta Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 23), é um dos fatores preponderantes para o progresso da História. O bom êxito da

organização dos inventários dependeria de métodos eficazes utilizados para a descrição documental. A catalogação permitiria ao historiador definir os documentos que poderiam ser utilizados para o estudo dos acontecimentos históricos⁵, e descartar aqueles de menos importância para o estudo do recorte temporal definido.

Após o processo de criação dos inventários, os documentos deveriam passar, na concepção dos historiadores, por sistemáticos processos de análise. Os historiadores metódicos denominam esses processos de “Crítica Externa (crítica de erudição)” e “Crítica Interna”. A “Crítica Externa” configura diversos processos de análise, que perpassam a “crítica de restauração”, a “crítica de procedência”, e a “classificação crítica das fontes”. A crítica de restauração consiste em reparar os documentos que de forma, intencional ou não intencional, foram compilados com negligência, influenciando na inexactidão dos fatos históricos. Os Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, 51) advertem:

Na quase totalidade dos casos os originais estão perdidos; deles só existem cópias. Cópias extraídas diretamente do original? Não, mas cópias de cópias. Os escribas que as executaram não eram todos, como seria de desejar, homens hábeis e conscienciosos; transcreviam com frequência textos que absolutamente não compreendiam, ou compreendiam mal, e não era costume, como ao tempo da Renascença carolíngia, confrontar manuscritos.

Esse procedimento de crítica visava analisar a alteração textual, pontuar os erros e oferecer alternativas mais claras de compreensão dos fatos narrados. A Crítica de procedência, por seu lado, permitiria elencar as informações precípuas do documento analisado, como “de onde proveio êle? Qual o seu autor? A que época pertence? Um documento cujo autor, data, lugar de origem, em suma, cuja procedência é totalmente desconhecida, de nada serve”. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 62). Os autores observam, entretanto, que um grande número de documentos (principalmente os da Antiguidade), por vezes, não possuem autoria nem data⁶ de feitura, o que dificulta o trabalho de crítica por parte do historiador. Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 72) salientam que “quem quer que estude um ponto de história é obrigado a classificar previamente as fontes”. Após a crítica de restauração e de procedência, o

⁵ Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, ainda no primeiro livro, elencam as disciplinas que auxiliariam o historiador no processo de análise documental. A Diplomática, a Arqueologia, a Epigrafia, a Paleografia e a Filologia serviriam de auxílio ao historiador que se debruçava sobre os documentos.

⁶ Quando não há datação nos documentos, a ordem de agrupamento deve contar com “a ordem alfabética”, “ordem geográfica” e a “ordem sistemática”. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 76).

historiador deve classificar ordenadamente as fontes documentais a serem estudadas em fichas. Essas fichas, ordenadas de forma lógica, possibilitará ao historiador recolher os documentos necessários à sua pesquisa. Os historiadores metódicos sugerem que essa classificação pode ser organizada em “época”, “lugar de origem”, “conteúdo” e “formas”⁷.

As operações que norteiam a Crítica Interna pautam-se na “Crítica de interpretação (hermenêutica)” e na “Crítica interna negativa de sinceridade e exatidão”. A Crítica de interpretação objetiva, segundo Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 100), definir o que é verdadeiro e o que é falso em um documento. Estes defendem que é preciso analisar o texto produzido pelo autor, e pontuar as operações incorretas utilizadas, e refutar os resultados obtidos. O estudo de qualquer que seja o documento deve iniciar-se pela análise, que permitiria segundo Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 103), delimitar o pensamento real do autor, pois “um documento contém apenas as ideias de quem o escreveu”. Esse procedimento crítico só se findará quando for obtido “o verdadeiro sentido do texto”⁸. Para os historiadores franceses, seria de responsabilidade do historiador revelá-la ou refutá-la, através dos processos de crítica, sem emitir juízos particulares. Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos defendiam que os documentos⁹ são vestígios dos atos humanos e das formas de pensamento através da escrita.

Outro aspecto importante na obra de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, vale ressaltar, é o apreço ao fato particular. As narrativas históricas construídas por esses historiadores abordavam fatos que legitimavam ações políticas de um determinado indivíduo, permitindo o fortalecimento do espírito patriótico, nacional. Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos (1946, p. 175) afirma a necessidade de atribuir na História um lugar especial aos personagens e aos acontecimentos. Ainda salienta os autores que “os episódios da vida de um homem tornam-se, então, fatos importantes”. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 175). Lembra os historiadores franceses que, no transcorrer do processo evolutivo do homem, as mais expressivas transformações foram propiciadas por

⁷ (Cf. LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 77).

⁸ (Idem, p. 109).

⁹ Na concepção dos historiadores metódicos, os documentos são “testemunhos voluntários – cartas, decretos, correspondências, manuscritos diversos; não pensam nos documentos não escritos – por exemplo, locais arqueológicos, que reflectem a vida económica, a estrutura social ou a organização militar – nem nos Testamentos involuntários – por exemplo, manuais de confessores que exprimem mentalidades religiosas. (BOURDÉ; MARTIN, 2012, p. 97).

individualidades. Os documentos – concebidos como “fonte do conhecimento histórico”¹⁰ – dão a conhecer

Atos (e palavras) dos homens de outrora, os quais, por sua vez, constituíram fatos materiais vistos e observados pelos autores, mas que, para nós, não passam de lembranças dos autores, representadas unicamente por imagens subjetivas. (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 153).

A obra de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos por décadas serviu de alicerce na formação de gerações de historiadores. Como afirma Bourd e e Martin (2012, p. 98): “de facto, a obra exprime exatamente o ponto de vista da ‘escola metódica’ que domina a produ o francesa entre 1880-1930”.   contra essas perspectivas teóricas e metodológicas de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos e de outros historiadores influenciados pelo historicismo que Lucien Febvre empreende seus ácidos combates pela História, com o intuito de fertilizar o solo para as novas perspectivas de sua revista.

Annales D’histoire econ mique et sociale: e o ideal de renova o epistemológica
Os percussores da renova o historiográfica: François Simiand e Henri Berr contra a História Historizante

A crítica   história historicista (e, por extensão, a dos historiadores metódicos) e a constru o de uma nova História, não   inven o dos pais-fundadores dos *Annales*, mas origina-se das perspectivas de sociólogos – em especial, François Simiand (1873-1935) – ligados a corrente durkheimiana. (REIS, 2000, p. 37). Outra influência importante para o processo de renova o historiográfica empreendido pelos *Annales* fora a cria o da Revista de Síntese Histórica, no início do século XX, por Henri Berr.

As ciências sociais, contrapondo as perspectivas da história metódica – que legitimavam o homem como sujeito do estudo – compreendiam o indivíduo como “objeto” do conhecimento. Em 1903, François Simiand publica um breve texto intitulado *Método Histórico e Ciências Sociais*, no qual faz severas críticas ao modelo historiográfico vigente na França: o da Escola Metódica Francesa. François Simiand direciona suas críticas aos aportes teóricos defendidos por Charles Seignobos e Ernest Lavisse (1842-1922). José Carlos Reis (2000, p. 52) afirma, entretanto, que François Simiand “faz um ataque teórico – e não pessoal –   produ o histórica ‘historizante’ e, sobretudo, apresenta um projeto de história como ciência social”.

¹⁰ (Cf. LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1946, p. 152).

François Simiand, ao questionar os arcabouços teóricos da historiografia metódica, intenta redirecionar a metodologia dos estudos históricos – pautada, até então, em “uma prática empírica mal raciocinada”¹¹ – a uma reflexão crítica, solidamente teorizada. Essa mudança epistemológica em História não se daria de forma rápida, mas paulatina, processual, como defendia François Simiand, argumenta José Carlos Reis (2000, p. 53). A tríade paradigmática atribuída aos historiadores metódicos (em especial, Charles Seignobos) – a história individual, cronológica e política – é analisada e rebatida por François Simiand, como salienta Reis (2000, p. 54):

Simiand reapresenta a argumentação da história “historizante” para rebatê-la ponto por ponto: sobre a observação do objeto histórico individual, psicológico, ele dirá: esse “indivíduo psicológico” é uma identidade metafísica, abstrata, um agrupamento de sensações. Os indivíduos humanos são, para a ciência social, abstrações, que escapam ao conhecimento positivo. Esses indivíduos sempre estiveram encerrados em regras sociais numerosas e estritas. [...] Sobre os quadros da história “historizante”, ele atacará: o fundo cronológico é grosseiro e não passa de um índice, um trabalho de referência, e não constitui obra de história, mas instrumento de pesquisa; a história política não deve ser ignorada, mas não pode ocupar um lugar tão predominante; o *zusammenhang* não pode ser estabelecido pelo método erudito, mas só pelo método comparativo.

O sociólogo francês destila suas críticas as possíveis “fragilidades” nos estudos de Charles Seignobos e dos demais historiadores ligados a Escola Metódica Francesa, ao defender que os problemas teóricos e metodológicos dessa corrente historiográfica “está atrasada de cinquenta a cem anos”. (REIS, 2000, p. 54). François Simiand explicita que a historiografia de seu tempo deve abandonar os “ídolos” propagados nas pesquisas históricas dos metódicos: o “ídolo político”, o “ídolo individual” e o “ídolo cronológico”. O “ídolo político”, na perspectiva de François Simiand, deveria ser destituído de seu papel central. O “ídolo individual” deveria ser substituído pelo estudo dos fatos sociais. E o “ídolo cronológico” deveria ser sobreposto por estudos que dialoguem o presente e o passado¹². Os estudos históricos, segundo a concepção das ciências sociais, deveriam, a partir de então, analisar as repetições, os ciclos concernentes à vida humana, e não mais o

¹¹ (Cf. REIS, 2000, p. 53).

¹² (Cf. REIS, 2000, p. 55).

progressismo cronológico da história humana, atribuído as perspectivas analíticas dos historiadores metódicos¹³.

Por tanto, os argumentos formulados por François Simiand no artigo supracitado evidencia o esforço das ciências sociais no processo de renovação historiográfica no início do século XX, que será a força motriz dos aportes teóricos e metodológicos defendidos por Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944), a partir dos anos 1920, contra a Escola Metódica Francesa. José Carlos Reis (2000, p. 51) afirma que os pais-fundadores “compreenderam e desenvolveram o ataque dos sociólogos contra a história metódica”.

A Revista de Síntese Histórica¹⁴, criada por Henri Berr (1863-1954), também inseriu-se no processo de crítica a historiografia da Escola Metódica, antes da efetivação dos *Annales* no cenário historiográfico, no final dos anos 1920. Segundo José Carlos Reis (2000, p. 57), o objetivo da revista de Henri Berr era estabelecer um conciso debate teórico sobre a História enquanto ciência, que se consolidava na observação empírica. Henri Berr questionou a predominância da narração e da cronologia histórica nos trabalhos dos historiadores metódicos. Henri Berr atribuiu a historiografia metódica uma falta de problematização nas narrativas históricas que, segundo ele, caracteriza uma representação histórica de pouca profundidade¹⁵.

O periódico de Henri Berr contou com a colaboração de expressivos historiadores, entre eles Lucien Febvre. Disserta José Carlos Reis (2000, p. 57) que “L. Febvre participou regularmente, através de resenhas, que dialogava principalmente com os geógrafos”. Henri Berr, entretanto, defendia a eliminação das barreiras constituídas entre as Ciências Sociais e a Filosofia. Essa perspectiva distanciou o filósofo dos pais-fundadores dos *Annales*, que inseriram em seu programa teórico a recusa a Filosofia da História.

Fernand Braudel (1902-1985), líder da segunda geração dos *Annales*, considerava Henri Berr o precursor do grupo dos *annalistes*. Para Fernand Braudel, “é para ele que deve olhar quando se quer saber como os *Annales* começaram”. (REIS, 2000, p. 60 apud BRAUDEL, 1972, p. 455). Segundo Fernand Braudel, a contribuição de Henri Berr a Revista *Annales* não foi como teórico, mas como interlocutor, um propagador das reuniões destinadas aos debates teóricos sobre o caráter da pesquisa histórica. Atesta José Carlos

¹³ (Cf. REIS, 1994, p. 17).

¹⁴ Em francês *Revue de Synthèse Historique*.

¹⁵ (Cf. REIS, 2000, p. 59).

Reis (2000, p. 60), ainda citando Fernand Braudel, que, através do modelo da Revista de Síntese Histórica, que Lucien Febvre e Marc Bloch levaram adiante a ideia da criação de uma nova revista, que servisse de ferramenta de combate por uma *nouvelle histoire*. Em 1929, o especialista em Idade Moderna Lucien Febvre e o medievalista Marc Bloch fundam a Revista *Annales* – apropriando-se de algumas perspectivas teórico-metodológicas de François Simiand e Henri Berr –, que se torna a força motriz do que Peter Burke conceituou como “a revolução francesa da historiografia”.

A arma de combate de Febvre e Bloch: a Revista Annales

O encontro de Lucien Febvre e Marc Bloch na Universidade de Estrasburgo se dá em um período conturbado da história mundial: o pós-guerra. Havia pouco tempo que o mundo (e a Europa, em particular) sofrera os terrores da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que deixou um rastro de destruição incomensurável. Lucien Febvre e Marc Bloch sentiram na pele os terrores do conflito mundial. Carlos Guilherme Mota (1978, p. 8) afirma que Lucien Febvre foi:

convocado para o exército em 3 de agosto de 1914, atuou nas frentes da batalha até 7 de fevereiro de 1919. Durante este tempo, só deixou os campos em 1916, quando – ferido – teve de ser hospitalizado. De sargento foi a segundo-tenente, tenente e daí comandante, tendo sob suas ordens uma companhia de metralhadoras.

Marc Bloch, com pouco mais de vinte anos de idade, combateu na guerra de 14-19, sob a patente de capitão de infantaria. Com 53 anos, Bloch vai à luta novamente na Segunda Guerra Mundial, assumindo os cargos de escrivão em Estrasburgo e de organizador do serviço de abastecimento de gasolina do exército francês. Em 1944, Bloch é preso e fuzilado pela GESTAPO em Lyon. Essas experiências de guerra deixaram marcas profundas em Lucien Febvre e Marc Bloch, fomentando nos analistas e em outros historiadores do pós-guerra um profundo sentimento de análise crítica concernente ao papel assumido pela historiografia nos processos de interpretação histórica desde o findar do século XIX, como também da possível “culpa” da História, que não se preocupou com as tensões sociais, que culminariam com a Primeira Guerra Mundial. Pontua Carlos Guilherme Mota (1978, p. 20):

A Grande Guerra, como não poderia ser de outra forma, deixou marcas profundas, e as ciências humanas (a História, em particular) não deixavam de ter, pelo menos, uma parcela de responsabilidade em face da crise geral, da destruição e das mortes incontáveis.

Segundo Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia (2012, p. 138), o historiador francês Lucien Febvre indagava que “a guerra deve, ao contrário, levar a um exame de consciência dos historiadores”. Ao ser nomeado, em 1919, para a cátedra de História Moderna na Universidade de Estrasburgo, Lucien Febvre em sua aula inaugural (denominada “A história no mundo em ruínas”) faz severas críticas aos aportes teóricos defendidos pela historiografia dos fins do século XIX e inícios do século XX, que, segundo ele, legitimava o discurso de exaltação das grandezas do Estado. (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 138). Após o fim do primeiro conflito mundial, o historiador indagava-se se, de fato, tinha o direito de voltar ao trabalho de historiador. Salienta Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia (2012, p. 141) que a França passara por extrema crise intelectual no entreguerras:

É toda uma atmosfera intelectual dominada pelos temas da incerteza, da instabilidade, do indefinido e também pelo da falência da ciência, que marca o período entreguerras. A desconfiança em relação à História exprimida em particular por Paul Válerý (1931) e Julien Benda (1934) e o tema da crise da História que se desenvolve durante a década de 1930 participam dessa atmosfera intelectual. Febvre (1936a), por seu lado evoca uma “crise geral e profunda das ideias e concepções científicas”.

A reorganização do papel social da História enquanto ciência, para estabelecer respostas concisas às mazelas que imperavam no mundo pós-guerra, era o desafio dos historiadores nascidos no final do século XIX. A década de 1920 marca o início da trajetória da Revista *Annales*¹⁶, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch no conturbado ano de 1929¹⁷. François Dosse (2003, p. 33) afirma que “a criação dos *Annales* resulta da dupla mutação que perturbou tanto a situação mundial no pós 1914-1918 quanto o campo das ciências sociais”. O objetivo dos historiadores franceses ao criar a revista era “exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica”. (BURKE, 2010, p. 36). A escolha de Estrasburgo como campo de ação para uma revista histórica “assinava a vontade do governo francês de fazer da universidade uma vitrina da reconquista francesa”. (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 144). A amizade dos historiadores

¹⁶ Segundo Peter Burke (2010, p. 36), a *Revista Annales d'Histoire Économique et Sociale* fora criada assemelhando-se a *Revista Annales de Géographie* de Paul Vidal de La Blache.

¹⁷ O ano de 1929 foi palco da Crise de 29, que abalou as bases econômicas do sistema capitalista. Hobsbawm (1995, p. 91) conceitua a grande Depressão como “o maior terremoto global medido na escala Richter dos historiadores econômicos”.

franceses começa a ser construída a partir da nomeação para lecionarem na Universidade de Estrasburgo¹⁸, cidade recentemente desanexada da Alemanha. O clima de liberdade intelectual que pairava sobre a Universidade de Estrasburgo propiciou aos historiadores franceses empreenderem um movimento de quebra e construção de novos paradigmas historiográficos, com o forte incentivo ao discurso interdisciplinar, como explica Peter Burke (2010, p. 30):

Nos anos que se seguiram a Primeira Guerra Mundial, Estrasburgo era efetivamente uma nova universidade, pois a cidade vinha de ser recentemente desanexada da Alemanha, criando um ambiente favorável à inovação intelectual e facilitando o intercâmbio de ideias através das fronteiras disciplinares.

O anseio de publicar uma revista que abarcasse novas perspectivas históricas esteve, desde muito cedo, no plano de ação de Lucien Febvre e Marc Bloch. Em 1921, os annalistas dirigem-se a Henri Pirenne (1862-1935), renomado historiador medievalista, e convidam-no para dirigir uma revista de história econômica e social. O desejo de Lucien Febvre era que essa revista servisse de apoio a debates críticos concernentes a metodologia em História, dialogando com os outros campos do conhecimento como, por exemplo, a Sociologia, a Filosofia, a Economia entre outros¹⁹. A iniciativa, porém, não se concretizou em decorrência da recusa de Henri Pirenne. Entretanto, esse primeiro anseio de Lucien Febvre e Marc Bloch permite, explicita Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia (2012, p. 145), estabelecer as bases teóricas e as alianças profissionais da futura Revista *Annales*.

Em 1928, Marc Bloch retoma o desejo de publicar uma nova revista que trabalhe de forma ampla os aspectos da história econômica e social. Apoiados pelo geógrafo Albert Demangeon (1872-1940) – diretor da Revista *Annales de Geografia* – Lucien Febvre e Marc Bloch negociam com a editora Armand Colin a publicação da revista. Conseguem o apoio editorial e lançam, em 15 de janeiro de 1929, o primeiro número da Revista batizada em francês como “*Annales d’Histoire Économique et Sociale*”²⁰. A revista “seria o porta

¹⁸ Lucien Febvre é nomeado professor e Marc Bloch mestre de conferências. (Cf. BURKE, 2010, p. 30).

¹⁹ (Cf. DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 145).

²⁰ (Cf. BURKE, 2010, p. 36).

voz, melhor dizendo, o alto falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história”. (BURKE, 2010, p. 36)²¹.

O programa de combate da Revista *Annales* contra a historiografia metódica contava com os seguintes eixos temáticos: a expansão do que era conceituado como fonte histórica, a preocupação com o coletivo em detrimento as perspectivas individualizantes, a concepção de tempo histórico, a relação interativa entre presente e passado, a compreensão de uma história totalizante e a História-problema (que constituiu-se como força motriz nos trabalhos dos annalistas). Marc Bloch e, de forma mais particular, Lucien Febvre erguem-se contra as perspectivas historiográficas da “História Historizante”²², que tinha por principais representantes os renomados professores universitários Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, que contribuíram de forma efetiva para a concretização da História enquanto ciência e, conseqüentemente, efetivação da disciplina nas principais universidades francesas.

A historiografia produzida pelas correntes do historicismo na Alemanha e pela Escola Metódica Francesa restringia, segundo a ótica dos analistas, o que consideravam como fonte histórica. Para essas escolas históricas, os documentos que poderiam ser utilizados nas construções do passado deveriam ser oficiais, chancelados pelo Estado: cartas diplomáticas, crônicas. Esses documentos eram utilizados para legitimar a História Política, a história dos grandes feitos de personalidades ilustres. Os *Annales*, buscando contrapor o modelo de história disseminado pelos historicistas e metódicos, inserem em seus itens de programa a ampliação das fontes. Para Lucien Febvre e Marc Bloch, explica José D’Assunção Barros (2012, p. 140), as fontes poderiam ser

qualquer vestígio ou qualquer evidência – dos objetos da cultura material às obras literárias, das séries de dados estatísticos às imagens iconográficas, das canções aos testamentos, dos diários de pessoas anônimas aos jornais – podia ser agora legitimamente utilizado pelos historiadores.

Lucien Febvre, no manifesto “Frente ao vento: Manifesto dos novos *Annales*” – que foi introduzido em 1953 nos *Combates pela História* – deixa claro a intenção dos *Annales* ao repensar a condição da História no início do século XX. Lucien Febvre afirma que a

²¹ Ainda segundo Peter Burke (2010, p. 36), a revista foi criada com o intuito de “exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica”.

²² Termo cunhado pelo sociólogo François Simiand. (Cf. REIS, 2000, p. 55).

História produzida por eles é a que procura compreender e fazer compreender, reafirmando a ideia por ele defendida que o historiador não julga, mas compreende. O especialista em Idade Moderna ainda afirma que a História configura-se como resposta às perguntas que os homens hodiernos se dispõem a se fazerem, como também traduz explicações de realidades conflituosas, complexas²³. O anseio de repensar as bases da historiografia no principiar do século XX, possibilitou a Lucien Febvre e Marc Bloch conceber a História como ciência que postulava problemas, construía hipóteses, questionava padrões, diferindo-se da concepção metódica que, para os pais-fundadores dos *Annales*, não passava de narração factual²⁴, pautada numa cronologia linear e tendo por fim último expor o que Leopold Von Ranke postulava como “contar os fatos tal como aconteceram”. (BARROS, 2012, p. 111).

A “História Factual”, explorada nas obras dos historiadores ligados a Escola Metódica, – em especial por Charles Seignobos e Charles-Victor Langlois, no manual do método histórico *Introdução aos Estudos Históricos* (1946) – concebia o documento oficial como a única fonte de transmissão da verdade histórica. Segundo José D’Assunção Barros, Charles Seignobos afirmava que “sem documento não há história”. (BARROS, 2012, p. 117). Lucien Febvre, contrapondo a concepção de Charles Seignobos, vociferava sarcasticamente: “sem problema não há história”²⁵. A História-problema dos *primeiros Annales* (em especial com Lucien Febvre) também combateu avidamente a “História Narrativa” e a “História Política”, que formava, junto a “História Factual”, a tríade paradigmática dos metódicos²⁶.

Lucien Febvre e Marc Bloch acreditavam não haver contribuições à História em narrar de forma “superficial” os fatos contidos nos documentos. Para eles, os fatos deveriam ser problematizados, através de perguntas formuladas e hipóteses definidas para sanar possíveis lacunas deixadas pelos documentos. A História Política, afirma José

²³ (Cf. FEBVRE, 1977, p. 70).

²⁴ Apesar de constituir o aporte basilar do discurso dos fundadores dos *Annales*, o combate a História Factual não surge com eles. Segundo afirma José d’Assunção Barros (2012, p. 110), Voltaire (1694-1778), em meados do século XVIII, tecia duras críticas aqueles historiadores que preocupavam-se, sobremaneira, em apresentar fatos ligados a acontecimentos políticos, construindo narrativas de glorificação das grandes personalidades.

²⁵ (Cf. BARROS, 2012, p. 117).

²⁶ As críticas à tríade metódica “História Factual”, “História Narrativa” e “História Política” encontram-se reunidas na coletânea de artigos de Lucien Febvre, que deu origem a obra “Combates pela História”, publicada em 1953.

D'Assunção Barros (2012, p. 124) “tão pouco deixou de ser um dos alvos preferidos de Lucien Febvre ao longo de “toda sua carreira de polemista”. Os ataques de Lucien Febvre a esse campo histórico concentrava-se nas histórias diplomáticas que eram publicadas em sua época. Essas histórias, na concepção dos historiadores franceses, serviam para legitimar os atos de personalidades políticas. Para os annalistas, as hipóteses levantadas, as novas teorias formuladas tinham um papel preponderante para o processo de renovação dos paradigmas historiográficos. Ao submeter à História a problematização, o historiador tinha a sua frente um problema a ser respondido, através de hipótese levantadas e verificadas cientificamente. Na concepção de Lucien Febvre e Marc Bloch, os fatos históricos não são dados prontos, que se organizam de forma inteligível nos documentos, mas devem ser construídos pelo historiador, através da crítica interpretativa. Estes reservavam lugar privilegiado à *imaginação construtiva*²⁷, que permitiria a expansão dos eixos temáticos em História.

O discurso combativo de Lucien Febvre também traduzia o embate da corrente dos *Annales* contra a Escola Metódica por disputa de território “dentro e fora das instituições historiográficas”. (BARROS, 2012, p. 89). Em 1919, Lucien Febvre e Marc Bloch são convidados a lecionarem na Universidade de Estrasburgo (região da Alsácia-Lorena), que gozava de autonomia intelectual, possibilitando o processo de renovação histórica que os annalistas começariam a empreender a partir do limiar da década de 1920. José D'Assunção Barros (2012, p; 89) sublinha, porém, que os fundadores sempre almejaram cargos nas principais universidades francesas: Sorbonne e *Collège de France*, para poderem expandir seu campo de ação. Em 1932, Lucien Febvre assume uma cátedra de história da civilização moderna no *Collège de France*. Já Marc Bloch sucede, em 1936, Henri Hauser na Universidade de Sorbonne, assumindo a cadeira de história econômica²⁸. A ascensão profissional de Lucien Febvre e Marc Bloch, explicita Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia (2012, p. 153), através dos cargos assumidos nas principais universidades de Paris, permitiu-lhes “empenhar-se em atividades profissionais variadas, ganhar um reconhecimento profissional mais seguro e desempenhar um papel intelectual e social mais conforme com a imagem de reformadores da disciplina histórica”.

²⁷ (Cf. DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 170).

²⁸ (Cf. DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012, p. 152).

Os professores da Universidade de Sorbonne, Charles Seignobos e Charles-Victor Langlois, conseguiram posição de destaque na historiografia francesa ao publicarem manuais para o ensino superior (em especial *Introdução aos Estudos Históricos* (1946), destinado aos historiadores em formação) e também livros para formação básica das crianças francesas entre 7 e 12 anos de idade. Esses manuais escolares legitimavam o discurso de exaltação do modelo político vigente: a Terceira República Francesa. Guy Bourdè e Hervé Martin (2012, p. 105) explicam que a Escola Metódica não mascarava as suas dileções políticas de glorificação da Terceira República nos manuais publicados “com toda candura”.

É nesse contexto de predomínio dos paradigmas metódicos (de 1880 a 1930), que Lucien Febvre direciona suas críticas a Charles Seignobos e Charles-Victor Langlois e sua “História-quadro” (como conceituava Lucien Febvre), que norteava-se pelo “sistema da cômoda”²⁹. Lucien Febvre (1977, p. 136), porém, ressalta que seus combates não são direcionados a um determinado historiador, mas “contra uma determinada concepção de história que eu me declaro. [...] uma concepção que eu repudio com todo o meu ser [...]”.

A Combatividade historiográfica de Lucien Febvre contra Charles – Victor Langlois e Charles Seignobos: Por uma Nova História

Os combates que Lucien Febvre travou contra os arcabouços teórico-metodológicos dos historiadores metódicos Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos são reunidos, em 1953, na obra *Combates pela História*. Lucien Febvre (1977, p. 7), no prefácio da obra, expõe o motivo principal da publicação de seus combates, ao afirmar:

Mas não foi de forma nenhuma para me rever nessas obras quotidianas, mas sim para prestar alguns serviços aos meus companheiros, sobretudo aos mais jovens, que pus em prática essa recolha. E, por isso, o título que escolhi lembrará o que sempre houve de militante na minha vida. Os meus combates, certamente que não: nunca me bati nem por mim nem contra este ou aquele como pessoa. Combates pela História, sim. Foi bem por ela que lutei toda a minha vida.

²⁹ Segundo Lucien Febvre (1977, p. 112), o “sistema da cômoda” dos historiadores metódicos era organizado da seguinte forma: “Gaveta de cima, a política: ‘a nacional’ à direita, a ‘internacional’ à esquerda, nada de confusão. Segunda gaveta: canto direito ‘o movimento da população’; canto esquerdo, ‘organização da sociedade’. (Por quem? Pelo poder político, imagino, que domina, regula e governa tudo do alto da gaveta n.º 1). [...] a História da Rússia arruma na terceira... os fenómenos económicos? Não, mas as três velhas em pessoa, as três irmãs-de-leite, se preferirem: a Agricultura, a Indústria e o Comércio, a que se seguirão as Letras e as Artes”.

Ainda no prefácio, Lucien Febvre (1977, p. 10) discorre sobre sua aspereza ao criticar os paradigmas das perspectivas históricas de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, a qual conceitua como história sintética, de “prudências vacilantes [...] e culto laborioso, mas intelectualmente preguiçoso, do ‘facto’, e esse gosto quase exclusivo pela história diplomática”. No início do artigo “Profissões de Fé à partida”³⁰, o historiador francês traça um panorama da situação da História nas universidades francesas (em particular o Collège de France) nos finais do século XIX. Lucien Febvre (1977, p. 18) assinala o sucesso que a História havia alcançado – graças, vale ressaltar, ao pioneirismo científico dos historiadores ligados ao historicismo – , ocupando espaços no ensino superior e público da França, e constata que “orgulhosa e poderosa no temporal, mostrava-se, no espiritual, segura de si – mas um pouco sonolenta”. O historiador francês critica, de forma severa, a filosofia que norteava a História por volta de 1892, conceituando-a como fórmulas apropriadas de qualquer maneira de Comte, Taine e Claude Bernard, que mostrava “buracos e roturas”³¹.

Neste artigo supracitado, Lucien Febvre, utilizando seu tom polemista, direciona seus ataques a história dos metódicos Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos – que, a esse tempo, já eram historiadores de prestígio no ensino superior e básico francês. Lucien Febvre (1977, p. 19) escreve: “Nada de definição prévia: a história, era a história... Se, no entanto, se davam ao trabalho de a definir, era, estranhamente, não pelo seu objeto, mas pelo seu material. Quero dizer, apenas por uma parte do seu rico material”. Para Lucien Febvre (1977, p. 22), as universidades tão pouco se preocupavam com a problematização histórica, mas contentava-se “quase unicamente com palavras, datas nomes de lugares e de homens [...]”. Lucien Febvre (1977, p. 22) repudia o tom “maximizado” que os historicistas atribuíam em suas obras aos acontecimentos políticos e individuais, e defende que outros aspectos sociais sejam explorados pela História, como o próprio historiador aponta:

Mas, por outro lado, e o facto de a libra tornesa se ter depreciado progressivamente ao longo dos séculos; de numa dada sucessão de anos os salários terem baixados ou o custo de vida subido? Factos históricos, sem dúvida, e aos nossos olhos mais importantes que a morte de um rei ou a conclusão de um tratado efêmero.

³⁰ Reproduzido de FEBVRE, Lucien. “Profissões de Fé à partida”. Em: Combates pela História. Portugal: Editoria Presença, 1977.

³¹ (Cf. FEBVRE, 1977, p. 180).

Lucien Febvre ressalta que os fatos não podem ser compreendidos pelo processo de recolha direta dos documentos, mas que tal compreensão se estabelece através de um processo minucioso de análise, de problematizações que norteiam-se por hipóteses formuladas, através de um trabalho “delicado e apaixonante”³². Outro princípio atribuído aos historiadores metódicos e combatido por Lucien Febvre é a ideia de que o historiador não pode escolher o fato a ser trabalhado. Os documentos, na perspectiva metódica, já definiria o objeto a ser trabalhado pelo historiador. O annalista defendia, ao contrário, que toda história é escolha e que o “historiador cria os seus materiais, ou se se quiser, recria-os: o historiador que não vagueia ao acaso pelo passado, como um trapeiro a procura de achados, mas parte com uma intenção precisa, um problema a resolver”. (FEBVRE, 1977, p, 24). O historiador cria os objetos que serão observados e, a *posteriori*, empreende um processo de leitura que possibilitará delimitar os seus cortes, as suas contrariedades, percebendo as lacunas existentes, pois “descrever o que se vê, ainda vá; o difícil é ver o que é preciso descrever”. (FEBVRE, 1977, p. 24).

Ainda no artigo “Profissões de Fé à partida”, o historiador dos *Annales* também se posicionou contra a metodologia de trabalho atribuída aos historiadores metódicos, que reuniam os fatos contidos nos documentos para depois tratá-los. Lucien Febvre (1977, p. 30) adverte sobre o prejuízo histórico de pesquisadores que amontoavam “factos para nada, e depois, de braços cruzados, esperam eternamente que venha o homem capaz de os reunir”. O historiador francês ressalta que as representações historiográficas deveriam ser perpassadas por questionamentos inventivos, capazes de elucidar realidades conflituosas. O historiador deveria fomentar perguntas e “fornecer uma resposta a uma pergunta”, pois “e se não há pergunta, só há o nada”³³.

Lucien Febvre, do mesmo modo de Marc Bloch, conceituava a História como “ciência dos homens no tempo”, “ciência do passado humano”, e não “ciência das coisas e dos conceitos” como era imputado a história produzida por Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos. Os fatos históricos, na concepção de Lucien Febvre, deveriam configurar as ações humanas na pluralidade das realidades sociais que constituíam o passado. Os textos a serem utilizados na pesquisa histórica deveriam ser diversos, e não restrito aos documentos de arquivos que se preocupavam em precisar datas e nomes de

³² (Cf. FEBVRE, 1977, p. 23).

³³ (Cf. FEBVRE, 1977, p. 23).

personalidades políticas. Textos que retratassem poemas, dramas vividos, “documentos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e acção em potência”³⁴. (FEBVRE, 1977, p. 31).

Outro artigo emblemático e que delineia os combates de Lucien Febvre contra os aportes teóricos de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos é o “Viver a História”³⁵. Lucien Febvre, neste artigo, direciona seu olhar para a problematização em História, confrontando as perspectivas dos metódicos que, segundo ele, praticavam uma história automática, narrativa e política. Este observa que a historiografia de seu tempo devotava um respeito “ingênuo e pueril”³⁶ ao fato, que era retirado dos documentos oficiais e apresentado de forma narrativa e linear, não apresentando nenhuma problematização. A respeito desta, Lucien Febvre (1977, p. 43) afirma: “é que pôr um problema é precisamente o começo e o fim de toda história. Se não há problemas, não há história”.

Os fatos são produtos da escolha do historiador, que “os chama à vida”³⁷. Os documentos não são capazes de transmitir a integralidade histórica, tão pouco trazer à tona verdade do passado, mas são peças que possibilitam ao historiador construir uma determinada realidade histórica que lhe apetece. Lucien Febvre questiona o porquê da historiografia de seu tempo produzir trabalhos que, segundo ele, eram marcados pela superficialidade e automatismo. Lucien Febvre (1977, p. 45), em um tom de lamento, afirma:

Continuaremos ainda por muito tempo a perguntar porque troçam da história, se afastam da história, difamam e ridicularizam a história, muitos bons espíritos, decepcionados por vezes por tantos esforços, tanto dinheiro, tanto bom papel impresso, não levarem senão a propor essa filosofia, se não a perpetuar essa história psitácica e sem vida em que nunca ninguém sente [...].

A tríade paradigmática (história narrativa, factual e política³⁸) atribuída pelos annalistas aos estudos de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos – em especial na *Introdução aos Estudos Históricos* (1946) – era conceituada de forma generalista por

³⁴ Documentos que abarcavam aspectos estatísticos, demográficos, genealógicos também figuravam como suporte para a construção historiográfica defendida por Lucien Febvre.

³⁵ Reproduzido de FEBVRE, Lucien. “Profissões de Fé à partida”. Em: *Combates pela História*. Portugal: Editoria Presença, 1977.

³⁶ (Cf. FEBVRE, 1977, p. 43).

³⁷ (Idem, p. 44).

³⁸ (Cf. BARROS, 2012, p. 123).

Lucien Febvre (1977, p. 52) como “pilar inabalável da velha história clássica”. O francês se pergunta se “não será tempo de substituir essas velhas noções caducas por noções novas, mais exactas, mais aproximadas?”. (FEBVRE, 1977, p. 54). O annalista e ex-comandante de infantaria na Primeira Guerra Mundial, no artigo supracitado, conclama os jovens historiadores à luta, ao embate por uma nova forma de se pensar a história: “vocês penetrem, animados da luta, todos cobertos da poeira do combate, do sangue coagulado do monstro vencido [...] despertem com a vossa própria vida, com a vossa vida quente e jovem [...]”³⁹.

“Contra a História diplomática em si – História ou Política”⁴⁰ traduz a insatisfação do historiador francês com os estudos políticos produzidos pelos historiadores da Escola Metódica. Lucien Febvre (1977, p. 99) direciona asseveradas críticas a Charles-Victor Langlois, Charles Seignobos e a outros historiadores dessa corrente historiográfica. Salienta o annalista que os metódicos recorriam aos documentos diplomáticos (pertencentes aos arquivos nacionais da França, Alemanha, e Inglaterra), correspondências e documentos memoriais, para legitimar ações de personagens célebres, dignas de glória e devoção. O autor direciona sua ferocidade combativa aos manuais escolares produzidos nos anos iniciais da década de 1890, onde a defesa do nacionalismo é fortemente acentuada, conforme o espírito social vigente. Lucien Febvre (1977, p. 99) constata a predominância dos aspectos políticos nas obras escolares, ao afirmar “que livros bem conhecidos, recentemente publicados sobre a rubrica *Manuais históricos de política estrangeira*, representaram em França, desde 1892, e fizeram triunfar, pouco a pouco, no ensino. Fizeram infelizmente triunfar [...]”. Esses manuais contribuíram, escreve Lucien Febvre (1977, p. 100)

Para substituir no cérebro de várias gerações de estudantes (muitos dos quais se tornaram, depois, professores), a noção desinteressada de uma história “das relações”, pela noção pragmática de uma “política histórica”, isto é, de uma história que se contenta com compreender e fazer compreender, se possível (digamos, em toda medida em que não é impossível), os motivos reais, profundos e múltiplos desses grandes movimentos de massas que tão depressa levam as colectividades nacionais a unir-se e a colaborar pacificamente, como as lançam umas contras as outras, incitadas por paixões violentas e assassinas.

³⁹ (FEBVRE, 1977, p. 56).

⁴⁰ Reproduzido de FEBVRE, Lucien. “Profissões de Fé à partida”. Em: Combates pela História. Portugal: Editoria Presença, 1977.

Os arcabouços teóricos e metodológicos defendidos por Charles Seignobos é denominado por Lucien Febvre como “História-Quadro”, pois setoriza, por grau de importância, os fatos históricos. Este também compara a história dos metódicos com uma cômoda, sistematicamente organizada, tendo cada gaveta o papel de guardar os pertences de mais valor. A história política era guardada com todo cuidado, afirma o annalista, na primeira gaveta da mesa de estudos dos metódicos. Expõe Lucien Febvre (1977, p. 112):

É o que eu tenho o costume de chamar “o sistema da cômoda”, a boa velha cômoda de mogno, gloria dos larzinhos burgueses. Tão bem arrumada em tão boa ordem! Gaveta de cima, a política: “a nacional” à direita, “a internacional” à esquerda, nada de confusão. Segunda gaveta: canto direito, “o movimento da população”; canto esquerdo, “organização da sociedade”. (Por quem? pelo poder político, imagino, que domina, regula e governa tudo do alto da gaveta n.º 1).

Os fatores econômicos, atesta Lucien Febvre (1977, p. 112), eram mal acomodados na terceira gaveta: “Os fenômenos econômicos? Não, mas as três velhas em pessoa, as três irmãs-de-leite, se preferirem: a Agricultura, a Indústria e o Comércio, a que se seguirão as letras e as artes”.

Após proferir seus combates contra o que ficou estigmatizado como “História Historizante” de Charles-Victor Langlois, Charles Seignobos e demais historiadores influenciados teoricamente pelo historicismo, Lucien Febvre – no texto manifesto “Frente ao Vento: Manifesto dos novos *Annales*”⁴¹ – projeta os rumos da renovação historiográfica empreendida por ele e por Bloch e seus colaboradores com o lançamento da Revista *Annales*, em 1929. Ressalta o caráter interdisciplinar dos estudos históricos, que ampliariam os campos temáticos e fomentariam a totalidade dos processos históricos. O historiador francês salienta o caráter científico e educacional⁴² da Revista, que se torna a força motriz para o processo de mudanças epistemológicas em tempos de sangrentos conflitos mundiais. Lucien Febvre conclama os historiadores a abraçarem a bandeira de luta por uma nova historiografia, com novas armas de trabalho. Este anseia por produções

⁴¹ Reproduzido de FEBVRE, Lucien. “Frente ao Vento: Manifesto dos Novos *Annales*”. Em: Combates pela História. Portugal: Editoria Presença, 1977.

⁴² Lucien Febvre observa que os *Annales* mantiveram-se ativos no que diz respeito às publicações historiográficas, mesmo diante das mazelas sociais decorrentes das guerras mundiais e dos colapsos do capitalismo no pós-guerra. Escreve ele: “Quaisquer que fossem as calamidades que se abatiam sobre a França e sobre o mundo, não abandonaram, nem um ano, a sua dupla tarefa de ciência e educação”. (FEBVRE, 1977, p. 59).

históricas que priorizem a problematização, o levantamento de hipóteses e concisas respostas às lacunas existentes na história, que se constitui por continuidades e descontinuidades temporais. Exorta Lucien Febvre (1977, p. 67):

Depressa, pois, ao trabalho, historiadores. Basta de discussões. O tempo passa, o tempo aperta. Queriam talvez que vos deixassem respirar? O tempo de cada um varrer diante de sua porta? É isso. O mundo empurra-vos, o mundo sopra-vos na cara o seu hálito de febre.

Diante dos prejuízos materiais e psicológicos causados pelas duas guerras mundiais, Lucien Febvre vocifera por uma história que, humanizada, dilui os medos produzidos pelos conflitos bélicos, configurando-se ciência de ação, de *práxis*⁴³ e contrapondo a história “romantizada”⁴⁴ que, segundo o historiador da época moderna, era praticada pela Escola Metódica. O historiador francês Lucien Febvre finaliza o seu artigo-manifesto acima citado defendendo que o historiador deve ser um indivíduo que se abraça com todas as forças a vida em suas diversas manifestações, pois a vida é uma mescla de realidades, que perpassam continuidades e descontinuidades. Para Lucien Febvre (1977, p. 59) “viver é mudar”.

Revisitando o historicismo: suas contribuições para a cientificidade histórica

A construção paradigmática do discurso dos fundadores da Revista *Annales* por uma *Nouvelle Histoire*, ficou caracterizada pela desconstrução e crítica asseverada – e generalizada, vale ressaltar – aos aportes teóricos e metodológicos da perspectiva historicista que, desde o limiar do século XIX estabeleceu-se hegemônica no campo historiográfico das principais universidades europeias (que consagrou-se, em especial, na figura de Leopold Von Ranke) e, de forma particular, estabeleceu-se na França através da Escola Metódica Francesa, denominada equivocadamente como “Positivista”. A criação da Revista, em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch denota a rebeldia e inconformismo dos pais-fundadores com as perspectivas vigentes, como salienta a historiadora Marie-Paule Caire-Jabinet (2003, p. 119):

Nos inícios dos *Annales* nota-se algo daquela revolta dos filhos contra os pais. As críticas contra a escola metódica se multiplicam e acusam-na de basear a história unicamente sobre os textos e de privilegiar o método (fichas, notas de rodapé, etc.), o acontecimento, a “história batalha”.

⁴³ (Cf. FEBVRE, 1977, p. 69).

⁴⁴ (Idem, p. 68).

O discurso combativo difundido por Lucien Febvre e Marc Bloch – amparado nas ciências sociais, em especial na sociologia durkheimiana⁴⁵ – elegeu Charles-Victor Langlois, Charles Seignobos e outros historiadores ligados ao historicismo alemão como adversários. Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos tornaram-se, no fim do século XIX e início do século XX, respeitados historiadores, tendo suas obras teórico-metodológicas adotadas nas principais universidades e instituições de ensino da França. Os representantes da Escola Metódica conseguiram difundir suas obras no ensino básico e superior francês, onde conseguiram grande credibilidade e respeitabilidade por estabelecer seus estudos através de um sólido processo de crítica documental, reafirmando o caráter científico da história. A *Introdução aos Estudos Históricos*, publicada em 1898 pelos historiadores, tornou-se o manual teórico e metodológico de uma leva jovens universitários que almejavam contribuir para a manutenção de *Clio* nos padrões de cientificidade histórica.

A predominância historiográfica das perspectivas dos metódicos incomodou os jovens Lucien Febvre e Marc Bloch, impulsionando-os a construir seus arcabouços contra os professores da Sorbonne e demais historiadores metódicos, empunhando a bandeira tremulante da renovação historiográfica, da qual eles se intitulavam os artífices, através do discurso de negação e suplantação do modelo vigente. Os pais-fundadores dos *Annales*, ao atribuírem a si a missão de renovação historiográfica, alegaram que a historiografia que os precedeu era “uma concepção histórica ‘superada’, ‘ingênua’, ‘relativista’ e até mesmo ‘perigosa’”, como salienta Sérgio da Mata em artigo denominado “Elogio do historicismo”, publicado na obra “A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna”. (2011)⁴⁶, organizada pelos pesquisadores Flávia Florentino Varella, Helena Miranda Mollo, Sérgio Ricardo da Mata e Valdeci Lopes de Araújo.

⁴⁵ O sociólogo François Simiand (e, posteriormente, Lucien Febvre e Marc Bloch), ao criticar a historiografia produzida pela corrente metódica (com ênfase na obra de Charles Seignobos), conceituou-a como “ídolos da tribos dos historiadores”. Os ídolos cultuados seriam, na concepção de François Simiand, a História Política, a História Individual e a Cronológica. (Cf. DOSSE, 2003, p. 45-46).

⁴⁶ (Cf. VARELLA; MOLLO; MATA; ARAÚJO, 2011, p. 50).

A acidez discursiva de Bloch e, com mais acentuações, Febvre contra o paradigma historicista traduz o anseio dos historiadores pelo poder⁴⁷ dentro do ofício historiográfico que queriam apoderar-se, utilizando a ideia da constituição de uma “nova história” – que externaliza-se na construção do “outro” (ligado a ideia de antigo, tradicional) para consolidar o “eu” (referente a ideia de moderno, novo). Lucien Febvre e Marc Bloch – Professores em Estrasburgo – tinham por anseio conquistar cargos nas principais instituições francesas (como a Sorbonne – onde os respeitados professores Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos lecionavam – e o Collège de France), e vociferar para outros rincões a “nova história” que alçavam⁴⁸. A ferocidade do discurso dos pais-fundadores dos *Annales* denota, também, o sentimento de revanche nutrido pelo espírito francês diante os alemães, vitoriosos em 1871 na guerra franco-prussiana, que anexaram a seu território a Alsácia-lorena, subjugando a altivez do espírito nacional francês. O assassinato de seu companheiro Marc Bloch, pelas forças nazistas em 1944, corroborou para a efetivação do discurso apaixonado de Lucien Febvre contra o modelo historicista. Fica evidente, portanto, que os anseios historiográficos dos pais-fundadores dos *Annales* perpassavam a ideia de construção de uma nova história, inserindo-se nas disputas de caráter ideológico no pós 1914-1918.

A hegemonia dos *Annales* no território historiográfico europeu (e além Europa) após a década de 1940, permitiu a construção e efetivação “tradição” de negação com um tom generalista dos arcabouços teóricos e metodológicos do historicismo. Entretanto, no final do século XX, inúmeros historiadores realizaram trabalhos com objetivo de denunciar os exageros dos *Annales* (em especial, de Lucien Febvre) e reabilitar salientando as contribuições significativas do historicismo alemão que se ramificou na França através da Escola Metódica. O próprio conceito de “Positivista”, atribuído a Escola Metódica, foi reavaliado, como afirma Guy Bourdè e Hervé Martin (2012, p. 108): “Foi erradamente que se classificou e ainda se classifica a escola histórica, que se impõe em França entre 1880 e 1930, de corrente ‘positivista’”. Guy Bourdè e Hervé Martin ainda salientam que a inspiração teórica e metodológica da Escola Metódica não vinha de Augusto Comte, mas

⁴⁷ Segundo Michel Foucault (2013, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

⁴⁸ O discurso combativo de Lucien Febvre traduzia o embate da corrente dos *Annales* contra a Escola Metódica por disputa de território “dentro e fora das instituições historiográficas”. (BARROS, 2012, p. 89)

de Leopold von Ranke⁴⁹. Segundo Arlette Medeiros Gasparello (PROST, 1994, p. 102 apud GASPARELLO, 2009, p. 4)⁵⁰, Antoine Prost revisitou as obras de Charles Seignobos e afirmou: “Suas posições metodológicas são muito mais sutis e interessantes do que se imagina [...]. Sua principal obra, *La méthode historique appliquée aux sciences sociales* (Seignobos, 1901) continua atual”.

No artigo denominado “Historicismo: o útil e o desagradável” – publicado na obra “A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna⁵¹ (2011) –, Estevão C. de Rezende Martins (2011, p. 15) disserta que o historicismo é “a época da historiografia alemã ao longo de todo o século XIX, de metodização e de formatação científica do conhecimento histórico”. Ainda aponta Estevão C. de Rezende Martins (2011, p. 17), baseando-se em Friedrich Jaeger e Jorn Rusen, que o historicismo “considera a história como um conhecimento específico dos tempos passados, distintos do conhecimento do tempo presente, mas que coloca aqueles em perspectiva com este e com o tempo futuro”.

Entre os historiadores alemães do século XIX classificados como historicistas, destacam-se: Leopoldo von Ranke, Johann Gustav Droysen, Heinrich von Sybel e Theodor Mommen. Seguindo ainda a interpretação de Jaeger e Rusen, Estevão C. de Rezende Martins (2011, p. 18) aponta que “a principal virtude do historicismo consiste em ter firmado o entendimento de que um tal conhecimento e um tal pensamento histórico são científicos por requererem o controle metódico de suas operações”. O surgimento do historicismo está estritamente ligado a formulação da história enquanto ciência. Em decorrência disso, “o historicismo não pode ser considerado como uma mera inovação como tantas outras desde o início do século XIX. Ele é visto, isto sim, como um novo por excelência, definitivamente insuperável⁵². Sérgio da Mata (2011, p. 50), no artigo “Elogio do historicismo⁵³, afirma que compreende o historicismo

não como um método, e muito menos como uma época da história da historiografia, mas como uma atitude espiritual diante da realidade e que nela ressalta duas dimensões principais: (a) o caráter dinâmico, mutável, histórico; de um lado, e (b) e sua inefável singularidade.

⁴⁹ (Cf.: BOURDÉ; MARTIN, 2012, p. 109).

⁵⁰ Artigo apresentado (e publicado) no XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, realizado pela ANPUH em Fortaleza, em 2009.

⁵¹ O livro faz uma análise das múltiplas faces do historicismo, tentando romper com as interpretações generalistas que foram (ainda são) realizadas a corrente histórica alemã.

⁵² (Cf. VARELLA; MOLLO; MATA; ARAÚJO, 2011, p. 20).

⁵³ Idem, p. 49.

Sérgio da Mata (2011, p. 53) ainda ressalta o pioneirismo e a sofisticação das perspectivas teórico-metodológicas da história produzida pelos historicistas, ao afirmar:

Ingênuas não me parecem as brilhantes páginas de Ranke no ensaio sobre *As grandes potências* e muito menos os escritos de Sybel, Treitschke ou Mommsen. Historiadores plenamente inseridos na tradição historicista, como eles, construíram análises extremamente sofisticadas.

A corrente historicista, por tanto, permitiu a história o status de ciência, que utiliza métodos rigorosos para estabelecer seu objeto de estudo. O historicismo possibilitou a entrada e a supremacia da história nas mais renomadas universidades da Europa. Esse processo pioneiro de cientificidade dos historicistas foi explorado pelos pais-fundadores e seus sucessores na Revista *Annales*. Lucien Febvre afirmava que a história é um “processo cientificamente conduzido”, já Marc Bloch conceituava a história como “ciência dos homens no tempo”, expressando, assim, o caráter científico atribuído à história pelos historiadores alemães no século XIX. A consolidação dos annalistas nas principais universidades francesas também foi possibilitada graças ao status que a história herdou dos historicistas. Por isso, a corrente historicista não pode ser reduzida a juízos de valores pejorativos – como fizeram os historiadores dos *Annales* – sem uma profunda análise e problematização de suas reais contribuições a historiografia.

Considerações finais

A *Revista Annales de História Econômica e Social* surge num momento histórico de profundas mudanças sociais, econômicas e políticas: o entreguerras. Lucien Febvre e Marc Bloch almejam novas perspectivas historiográficas, e empreendem um movimento de combate generalizado ao que consideravam como “velha história dos metódicos franceses”. A historiografia da Escola Metódica Francesa dominou as produções históricas por cerca de 50 anos (de 1880 a 1930). Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos, seus principais representantes, compreendiam a História como ciência que constituía-se através dos documentos, que poderiam permitir ao historiador legitimar ou refutar a possível verdade histórica contida nos documentos, submetidos aos processos críticos. Os metódicos submetiam os documentos a um sistemático e rigoroso processo metodológico para compreenderem aspectos do passado histórico.

É contra o metodismo cientificista dos historiadores da Escola Metódica que Lucien Febvre e Marc Bloch empreendem seus ferrenhos combates pela História. Lucien Febvre, em especial, desenvolve um forte discurso de negação paradigmática, estabelecendo como

opponentes os historiadores Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos – respeitados professores do ensino básico e superior da França – e sua obra *Introdução aos Estudos Históricos* (1946), que “fez escola” nos estudos históricos no final do século XIX e início do século XX nas academias francesas. A “História Historizante” (como definiu François Simiand) – que criou profundas raízes através da *História Factual*, *História Narrativa e História Política* – torna-se o programa a ser substituído. A interdisciplinaridade, a problematização, a ampliação das fontes configura o programa principal dos combatentes por uma *Nova História*, que tem por objeto central os “homens no passado”, “homens no plural” contrapondo “o homem singular” que alegavam estar presente em demasia nas obras dos historiadores metódicos.

O objetivo precípua do nosso estudo fora perceber e pontuar as características basilares do discurso de combate de Lucien Febvre contra os aportes teóricos de Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos. Elencamos, como fatores norteadores de nossa pesquisa, o descontentamento do annalista contra a historiografia metódica, que, na concepção de Lucien Febvre, fora uma arma utilizada para legitimar o discurso de glorificação das ações políticas da Terceira República Francesa. Buscamos, também, demonstrar que os posicionamentos ácidos de Lucien Febvre inserem-se num forte processo de legitimação da História enquanto ciência nas Universidades Francesas, como também traduziu a disputa de território “dentro e fora das instituições historiográficas”. (BARROS, 2012, p. 89). A insatisfação do historiador francês contra as perspectivas dos historicistas acirrou-se ainda mais com a execução de seu companheiro de combate Marc Bloch, em 1944, pelo exército nazista, inflamando, ainda mais, seu “espírito humanista”.

O discurso efusivo de Lucien Febvre permitiu a historiografia de seu tempo repensar o estatuto da História, enquanto “ciência dos homens no tempo”, como também construir um sólido programa de análise histórica, através da interdisciplinaridade, da ampliação das fontes e dos campos temáticos e, sobretudo, da problematização das temporalidades históricas. Os pressupostos de Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel, ultrapassaram décadas, fazendo-se, com forte vigor, presentes na historiografia hodierna. A principal herdeira do conteúdo programático dos pais-fundadores dos *Annales*

é a *Terceira Geração*⁵⁴ ou a *Nova História*, que despontou na década de 1970, tendo por principal axioma teórico o estudo das mentalidades. Entre os historiadores da Nova História, destaca-se o medievalista Jacques Le Goff (1924-2014), Pierre Nora (1931), Michel Vovelle (1933), Philippe Ariès (1914-1984) entre outros.

Entretanto, vale ressaltar, que a historiografia atual tem revisitado (como apontamos na parte final do trabalho) a produção historiográfica dos historiadores historicistas, tentando suprimir os exageros formulados pelos historiadores dos *Annales* (com ênfase em Lucien Febvre) às obras dos historiadores metódicos e apontando as concretas contribuições dessa corrente a história. O historicismo possibilitou a história o caráter de ciência, que estabelece metodologias concisas para trabalhar o passado histórico, diferenciando-se da filosofia e da literatura da história. Graças, também, ao historicismo, a história ganhou posição de destaque nas principais universidades europeias (profissionalização do ofício) – destaque que, tanto Febvre quanto Bloch, buscaram em sua vida profissional.

Referências:

- BARROS, J. **Teoria da História (Volume V): A Escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- BOURDÉ, G & MARTIN, H. **As Escolas Históricas – da Idade Média aos nossos dias**. 3ª ed. Portugal: Europa-America, 2012.
- BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. - São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- CAIRE-JABINET, Marie. **Introdução à Historiografia**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

⁵⁴ Tradicionalmente, conceitua-se a Escola (ou movimento) dos Annales constituída por três fases ou gerações. As concepções de “fases” e/ou “gerações” tornou-se um campo de discussão entre os historiadores do movimento. Há aqueles, como Peter Burke, que defendem que as perspectivas dos Annales foram (e ainda são) perpetuadas por “gerações”. Defende-se a ideia de “geração” partindo da análise de uma continuidade teórico-metodológica dos autores que contribuíram de forma significativa para a construção dos arcabouços teóricos e metodológicos do movimento. (Cf. BARROS, 2012, p. 215). Defende Burke que as gerações posteriores à primeira (liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch) deram continuidade aos projetos dos fundadores da Revista Annales. (OLIVEIRA, 2011, p. 1). O historiador francês François Dosse (1950), contrapondo a interpretação de Peter Burke, parte da ideia de “fases” marcadas por descontinuidades e rupturas da Terceira Geração (que conta com os historiadores ligados a “Nova História”, como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Philippe Ariès, Marc Ferro, Michel Vovelle entre outros) com a Primeira e a Segunda Geração (liderada por Fernand Braudel). Para Dosse, os historiados da Terceira Geração preocupam-se mais com realidades individualizantes, que configura os aspectos ligados a memória e ao simbolismo, do que com as perspectivas globalizantes do social e do econômico trabalhados por Febvre, Bloch e Braudel.

DELACROIX, C ; DOSSE, F &. GARCIA, P. **Correntes Históricas na França – Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV coedição com a UNESP, 2012.

DOSSE, F. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FEBVRE, L. **Combates pela História I**. Portugal: Editorial Presença, 1977.

_____. **Combates pela História II**. Portugal: Editorial Presença, 1977.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GASPARELLO, A. **O ensino de História no século XIX: a contribuição de historiadores/professores para uma pedagogia da história**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

HOBBSAWM, E. **A Era dos Extremos – o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LANGLOIS, C. & SEIGNOBOS, C. **Introdução aos Estudos Históricos**. São Paulo: Ed. Renascença, 1946.

MOTA, C. **Febvre: História**. São Paulo: Ática, 1978.

OLIVEIRA, E. **Considerações sobre a Escola dos Annales: o debate entre Peter Burke e François Dosse**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, junho de 2011.

REIS, J. **Escola dos Annales: A inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Nouvelle Histoire e o tempo histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

VARELLA, F; MOLLO, H; MATA, S; ARAÚJO, V. **A dinâmica do Historicismo: revisitando a historiografia moderna**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.